requer mais do que inspiração, requer transpiração e reflexão na ação. Requer descoberta de si mesmo, de seu modo de dar aula; mudança de hábitos e vícios; requer autoridade e por fim, requer humildade e aceitação àquilo que precisa ser mudado.

BIBLIOGRAFIA

GIMENO SACRISTÁN, J., PÉREZ GÓMEZ, A. I. Compreender e Transformar o Ensino. 4ª ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

GIMENO SACRISTÁN, J. Poderes instáveis em educação. Porto Alegre: Artmed, Rio Grande do Sul, 1999.

LORTIE, D. C. Schoolteacher: socialização prévia do ensino. Chicago: Universidade de Chicago, 1975.

MOROSINI, M. C. (org.). Docência universitária e os desafios da realidade nacional. In: Professor do ensino superior: identidade, docência e formação. 2.ed. ampl. Brasília: Plano Editora, 2001.

PERRENOUD, Philippe. Construir as competências desde a escola. Editora Artmed.Porto Alegre,1999.

PERRENOUD, Philippe. O trabalho sobre o habitus na formação de professores: análise das práticas e tomada de consciência. Editora Artmed. Porto Alegre,2001.

ROGERS, Carl (1986), Liberdade de Aprender em Nossa Década. 2ª. Edição, Porto Alegre, Artes Médicas.

VEIGA, I. P. A, CASTANHO, M. E. L. M. (Orgs.). Pedagogia Universitária: a aula em foco.Campinas, São Paulo: Papirus, 2000.

ZEICHNER, Ken. Novos caminhos para o practicum: uma perspectiva para os anos 90 in NÒVOA, ANTÓNIO. Os Professores e a sua formação. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 1992.

O ESPORTE COMO FORMA DE DISCUSSÃO DAS DIFERENÇAS E COMBATE AO PRECONCEITO NA ESCOLA

JULIANO DE CARVALHO VIDAL

RESUMO

Há muito tempo que a educação entendeu que seu papel dentro da sociedade vai muito além da transmissão de conteúdos nos componentes curriculares existentes. Ela tem a responsabilidade de formar cidadãos que sejam críticos, emancipados e que acima de tudo, saibam conviver e respeitar as diferenças, lutando contra qualquer tipo de preconceito e discriminação. Esse estudo científico se justifica pela necessidade de entender que a escola, pautada por esse ambiente diversificado, tem que ter esse olhar para que a mesma possa contribuir de forma efetiva para a desconstrução desses preconceitos. Tem como objetivo demonstrar como na escola, utilizando o esporte como conteúdo, assuntos como o preconceito e o machismo podem ser debatidos e trabalhados com os estudantes, para sua formação pautada pela igualdade social. Como metodologia foi utilizada uma revisão bibliográfica com uma pesquisa em livros, artigos científicos, dissertações acerca das definições sobre preconceito, discriminação, estereótipos, também sobre o preconceito e o machismo no es-

porte, e a atuação dentro da escola sobre os assuntos elencados acima. Temas e questões que fazem parte do mundo desde seus primórdios, como o preconceito, a discriminação e o machismo devem estar sendo descontruídos constantemente no ambiente escolar, para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Palavras-chave: preconceito, discriminação, machismo, esporte, igualdade.

ABSTRACT

Education has long understood that its role in society goes far beyond the transmission of content in existing curriculum components. She has the responsibility to form citizens who are critical, emancipated and, above all, who know how to live together and respect differences, fighting against any kind of prejudice and discrimination. This scientific study is justified by the need to understand that the school, guided by this diverse environment, must have this view so that it can contribute effectively to the deconstruction of these prejudices. It aims to demonstrate how at school, using sport as content, issues such as prejudice and sexism can be debated and worked with students, for their education based on social equality. As a methodology, a bibliographic review was used with a search in books, scientific articles, dissertations about the definitions of prejudice, discrimination, stereotypes, also about prejudice and sexism in sports, and the performance within the school on the subjects listed above. Themes and issues that have been part of the world since its inception, such as prejudice, discrimination and sexism, must be constantly being deconstructed in the school environment, in order to build a fairer and more egalitarian society.

Keywords: prejudice, discrimination, sexism, sport, equality.

1. INTRODUÇÃO

A escola sempre foi considerada um laboratório para a vida, devido a toda a sua heterogeneidade, diversidade e a capacidade de aprender com essas diferenças. Por outro lado, na sua prática pode-se observar que o cenário muitas vezes caminha pelo lado contrário.

Em pleno século XXI, o preconceito e a discriminação ainda estão presentes nas sociedades, apesar dos esforços e dos movimentos que sempre estimularam a busca pela igualdade e justiça social.

Esse estudo científico se justifica pela necessidade de entender que a escola, pautada por esse ambiente diversificado, tem que ter esse olhar para que a mesma possa contribuir de forma efetiva para a desconstrução desses preconceitos.

Tem como objetivo demonstrar como na escola, utilizando o esporte como conteúdo, assuntos como o preconceito e o machismo podem ser debatidos e trabalhados com os estudantes, para sua formação pautada pela igualdade social.

Como metodologia foi utilizada uma revisão bibliográfica com uma pesquisa em livros, artigos científicos, dissertações acerca das definições sobre preconceito, discriminação, estereótipos, também sobre o preconceito e o machismo no esporte, e a atuação dentro da escola sobre os

assuntos elencados acima. Os argumentos vindos dos autores pesquisados serão capazes de proporcionar o devido cunho científico ao trabalho em questão.

O esporte é um assunto que sempre cativou os estudantes, sendo presença constante nas aulas de educação física. Utilizar desse conteúdo para que esses mesmos estudantes entendam assuntos tão primordiais como o preconceito, o machismo, caminham para um aprendizado muito mais efetivo e significativo para os mesmos. Com isso, esse estudante poderá contribuir de forma justa, igualitária em uma sociedade que precisa dia a dia entender sobre liberdade, direito e igualdade.

2. PRECONCEITO E DISCRIMINAÇÃO: CONCEITOS E DEFINIÇÕES

Para que haja o adequado entendimento de como os esporte dentro do ambiente escolar possa servir como incentivador da discussão do preconceito, da discriminação, do machismo e do respeito as diferenças, em um primeiro momento é primordial entender sobre alguns conceitos.

A partir dessas definições é que se torna possível começar a entender a amplitude, a abrangência da atuação de ambas na sociedade brasileira desde os tempos mais antigos e teimam em estar presente atualmente mesmo em pleno século XXI.

Entende-se que nenhum indivíduo herda geneticamente, pela sua hereditariedade, a capacidade de ser preconceituoso ou ter qualquer tipo de atitude discriminatória. As pessoas na realidade, aprendem e desenvolvem esses conceitos e vão reproduzindo em seu cotidiano.

Analisando a palavra preconceito, ela nos remete a ideia de um pré-julgamento, um conceito antecipado, baseado no que o indivíduo acredita que é certo ou socialmente adequado, na maioria das vezes um conceito de algo que não é conhecido, que é feito de forma imediata.

Itani (1988) relata que o preconceito não existe em si, mas como parte de nossa atitude em relação a alguém ou alguma coisa, revelando um imaginário social. Toda a atitude de preconceito em relação a alguém ou a alguma coisa está sempre apoiada em um conjunto de representações, promovendo uma opinião já formada a respeito de um determinado assunto, pessoa ou objeto.

Esse termo começa com esse cenário, nada adequado onde há o desenvolvimento de conflitos ocasionados pela intolerância associada a falta de respeito a qualquer tipo de opinião contrária das existentes e conhecidas. Com isso, surgem os estereótipos, devido as conceito formulados e que podem gerar malefícios individuais e coletivos.

O preconceito pode ser aprendido e reproduzido em qualquer ambiente do qual o indivíduo faz parte, na sua casa, nos eventos sociais, escola, entre os amigos, de forma ora constante, ora pontual e fortalecendo ainda mais todo esse quadro caótico. A partir daí, surge outro conceito descrito acima, que são os chamados estereótipos. Borges, D'Adesk e Medeiros (2000) descrevem que os estereótipos são preconceitos cristalizados em imagens ou expressões verbais, buscando aprender

de maneira simplista e reduzida os grupos humanos atribuindo aos mesmos traços de personalidade e de comportamento.

A sociedade brasileira como muitas outras, é repleta de estereótipos em suas ideologias, seja sócio econômico, de gênero ou étnico-raciais, promovendo as chamadas desigualdades sociais, tão presentes e permissivas. Eles surgem do meio em que o indivíduo se desenvolve, com regras e convenções que devem ser seguidas e acatadas sem contestação, sempre pautado por um cunho preconceituoso e segregacionista.

Borges, D'Adesk e Medeiros (2000) descrevem que os estereótipos são generalizações que as pessoas fazem sobre comportamentos ou características de outros baseados em generalizações de situações que aconteceram anteriormente, e que ao longo dos tempos as antigas gerações vão consolidando, mas sem ligação com a atual, e muitas vezes eles acontecem sem ter conhecimento sobre grupos sociais ou características de indivíduos.

Essas convenções recheadas de preconceito acabam ficando sedimentadas e são reproduzidas constantemente, como por exemplo no caso das mulheres, um preconceito de gênero, onde frases como: "sexo frágil", "rainha do lar", "a mulher nasceu para ser mãe", "ser mãe é padecer no paraíso", a mulher deve seguir seu varão (marido)", "atrás de um grande homem sempre existiu uma grande mulher"; são extremamente ofensivas e nocivas, mais conhecedoras e presentes na sociedade até hoje.

Essas expressões acabam intensificando ainda mais a diferença entre os homens e as mulheres em nossa sociedade, onde as mesmas são relegadas a um papel secundário, de escada para eles, submissas, dependentes e com obrigações e comportamentos pré-definidos. Por incrível que pareça ainda hoje esses pensamentos preconceituosos ainda persistem e na prática são terríveis, pois se trata de um ato discriminatório. Com isso, pode-se entender que a discriminação como um preconceito em ação.

Em relação a discriminação, é definida como o nome que se dá para a conduta (ação ou omissão) que viola direitos das pessoas com base em critérios injustificados e injustos, tais como a raça, o sexo, a idade, a opção religiosa e outras. (PROGRAMA NACIONAL DE DIREITOS HUMANOS, 1998)

Discriminar significa de uma forma geral, fazer alguma distinção. Pode ocorrer de forma direta (visível e reprovável de imediato) ou indireta (atos aparentemente neutros mais nocivos), tendo o âmbito social como foco, no que se refere as questões raciais, religiosas, sexuais e étnicas. As discriminações mais comuns são as sociais: racial, religiosa, sexual e étnica.

Com a discriminação ocorre a presença de um tratamento diferenciado a um grupo ou indivíduo, com atos de menosprezo, prejudicando a vida dessas pessoas, fortalecendo dia à dia essa sociedade elitista, segregacionista e preconceituosa.

O preconceito também pode se manifestar em brincadeiras ou apelidos alusivos as diferenças. E esta discriminação e preconceito vão acompanhando tanto homens quanto mulheres para o resto de

suas vidas, aumentando as desigualdades sociais e as diferenças.

3. O PRECONCEITO E A DISCRIMINAÇÃO NO ESPORTE

Como foi descrito anteriormente, a partir da definição do preconceito, o mesmo tem a capacidade de estar presentes em vários setores da sociedade, pois trata-se de um fenômeno atemporal e extremamente permissivo. Ele estar presente no meio esportivo é completamente entendível, já que se trata de um setor onde as interações são constantes, assim como toda a heterogeneidade presente.

O preconceito dentro do esporte pode também ser variado, pode ser de gênero, raça, condição econômica e social, religioso e assim por diante, acontecendo a nível nacional e internacional, desde o esporte amador até o profissional.

A própria história do futebol brasileiro confirma esse ambiente preconceituoso e segregador, pois teve sua prática no início limitada aos brancos e ricos. Esse preconceito era consolidado por leis que impediam a participação de negros nos campeonatos da época, restringindo a participação desse grupo apenas em guetos e regiões periféricas.

As olimpíadas, o maior evento esportivo à nível mundial, sempre foi palco para a discussão dessas questões que envolvem o preconceito, começando pela não participação feminina no início, mesmo na era moderna. A participação da mulher no esporte sempre repleta de discussões, e ao mesmo tempo de atos discriminatórios e segregacionista. Outras formas de preconceitos, como o racial e a xenofobia também estiveram presentes nesse evento esportivo ao longo dos tempos.

Foram casos individuais e até situações que envolveram nações, que tinham o comportamento preconceituoso e discriminatório.

Oliveira (2008) descreve a história do atleta Jesse Owens, se tornando um dos capítulos mais importantes da história do negro nas Olimpíadas. O “antílope de ébano”, como ficou conhecido por sua velocidade, saiu de Mississipi, estado norteamericano onde foram cometidas muitas atrocidades em nome do preconceito racial contra os negros, para ganhar quatro medalhas de ouro, nas provas de 100m rasos, 200m rasos, revezamento 4x100m e salto em distância. Este feito aconteceu na Olimpíada de Berlim, em 1936, justamente quando Hitler tentava propagar a ideia da supremacia da raça ariana, utilizando a Olimpíada como veículo de propaganda ideológica.

Nos Jogos Olímpicos de 1964 até 1988, a participação da África do Sul foi proibida, devido ao regime do Apartheid que possuía nesse país. Os atletas sul-africanos foram proibidos de participar de qualquer tipo de competição internacional, já que faziam parte de uma nação que acatava a segregação racial, que estimulava a desigualdade social e exterminava qualquer possibilidade de condições de igualdade. (PIRES, 1988)

Em cenário nacional, são inúmeros os casos de preconceito, de inúmeras formas e em vários esportes.

Querino (2018) relata o episódio ocorrido em 2011, quando um jogador

de vôlei sofreu preconceito da torcida adversária do seu time, durante uma partida em um torneio nacional. O jogador Michael foi chamado de "veado" todas as vezes que tocou na bola, e o pior, a torcida que estava insultando o jogador, era formada por homens, mulheres e crianças, que já são direcionadas para esse tipo de preconceito, herdado dos pais. Michael foi vítima do preconceito, de pessoas homofóbicas, mas não se deixou abalar. Na semana seguinte do jogo, assumiu a sua homossexualidade e afirmou não ter feito ainda, porque não sentia a necessidade de expor a sua vida privada publicamente. Foi uma resposta firme para os preconceituosos, e os verdadeiros torcedores, deram a resposta, e lotaram o estádio no jogo seguinte para apoiar o atleta.

São inúmeros os exemplos que demonstram o preconceito no esporte, onde muitos aconteceram por incrível que pareça em pleno século XXI, apesar de toda a evolução da humanidade, dando a impressão de que a sociedade atual ainda permanece emperrada em alguns pontos primordiais para a convivência harmoniosa e uma sociedade verdadeiramente justa e igualitária.

Oliveira (2008) descreve que nos últimos anos, embora de forma lenta, os velhos estereótipos estão caindo. Tanto no Brasil como em todo o mundo vários acontecimentos vêm rompendo com certas representações, tanto no campo social como no campo esportivo. Muitos indivíduos de descendência negra conseguem se destacar em esportes que até então eram de domínio absoluto de atletas brancos das altas camadas sociais. Podem ser citados vários exemplos, como o caso das irmãs Williams no tênis, no golfe com Tiger Woods e até mesmo em um dos esportes mais caros do mundo, considerado um lugar de gente rica e branca, que é a Fórmula- 1 com Lewis Hamilton.

Essa denominação "esporte de elite' nos remete a outro tipo de preconceito e discriminação, o preconceito social, relacionado as classes sociais que existem em uma determinada sociedade e em um determinado período histórico.

A discriminação de classe se dá por meio das condições para que a prática esportiva seja realizada. Os recursos financeiros, patrocínios, incentivos, tipos de treinamento, material esportivo, profissionais capacitados para o apoio à prática esportiva são bem distintos entre as classes sociais. O atleta que tem baixo poder aquisitivo dificilmente tem acesso à infraestrutura adequada, aos materiais mais sofisticados para a prática do esporte e aos profissionais que são essenciais para uma boa performance como médicos, fisiologistas, fisioterapeutas, nutricionistas, técnicos e psicólogos. Dependendo da modalidade esportiva, essa discrepância entre as classes sociais fica mais acentuada. (ASSUNÇÃO, 2010)

Todo esse cenário preconceituoso e discriminatório dentro do esporte acaba sendo capaz de solidificar o preconceito de algumas pessoas para determinadas práticas esportivas, cerceando muitas vezes a possibilidade do aparecimento de atletas e por que não, verdadeiros talentos no futuro tanto no esporte como na vida.

4. O MACHISMO NO ESPORTE

O preconceito em relação a mulher e o esporte vai muito além do que se imagina e permeia a sociedade muito antes da criação de muitos esportes, das guerras e até da formação de cidades e estados.

Romero (2003) destaca que desde a Antiguidade, o acesso da mulher ao esporte foi difícil. Nos jogos Olímpicos da antiga Atenas as mulheres não podiam participar dos jogos nem como espectadoras, ameaçadas de serem jogadas de um penhasco, até que uma corajosa mãe de atleta resolveu assistir a uma disputa de seu filho. Ao ser descoberta, só não foi morta porque seu filho vencera a prova.

Nos primeiros Jogos Olímpicos da era moderna em 1896 em Atenas, por exemplo, só os homens podiam participar, pois Pierre de Coubertin era da opinião de que o esporte feminino infringia as leis da natureza.

Em virtude da igualdade de direitos e decorrente redução dos papéis específicos dos sexos (estereótipos sexuais) durante os últimos anos, abriram-se novas possibilidades para a mulher praticar esportes e também o esporte competitivo. Nos Jogos Olímpicos de 1912 em Estocolmo, as mulheres puderam participar pela primeira vez das provas de natação. (WEINECK, 2000, p. 354)

A mulher no esporte significava uma quebra total de padrões, onde a mesma estava apenas relegada a uma posição inferior, realizando práticas esportivas que remetessem movimentos delicados e harmoniosos, como ginástica feminina, dança e assim por diante. Esportes coletivos e de contato eram considerados inapropriados para a prática feminina, ou melhor, a mulher é que era considerada inapropriada para essas atividades e socialmente inadequada.

Apenas em 1932, nas Olimpíadas de Los Angeles que a imagem da mulher atleta começou a surgir e conceitos higienistas começaram a aparecer, tendo a ideia da prática esportiva para o fortalecimento de um estilo de vida mais higiênico e para a maternidade. Então podemos perceber que apesar de uma relativa evolução, o papel secundário da mulher na sociedade, apenas como mãe e servidora do marido ainda era presente e influenciava o esporte. (ROMERO, 2003)

Aos poucos as mulheres passaram a praticar esportes coletivos e individuais de uma forma mais competitiva, como a natação, o voleibol, o tênis. Porém isso não significa que o caminho para essa emancipação seria livre e harmonioso e isso podemos observar em um fato ocorrido aqui no Brasil.

Goellner (2005) relata que na década de 30 ocorreu o primeiro campeonato feminino de bola ao cesto em São Paulo, sendo considerado o marco inicial da esportivização em território nacional. Contudo problemas e percalços surgiram de forma incisiva e agressiva. Em 1941 o General Newton Cavalcanti apresentou algumas restrições ao Conselho Nacional de Desporto quanto à prática feminina de alguns esportes, dentre eles o futebol e o futsal, pois estes eram considerados violentos, afetando a feminilidade e a sexualidade.

“Essa lei só foi abolida em 1979, ou

seja, 38 anos após sua proibição.” (TEIXEIRA JR., 2006)

As explicações para essas proibições estapafúrdias eram de origem biológica, pois se alegava que a prática desses esportes considerados mais “viris” levariam a uma masculinização da mulher. Com isso, buscava-se camuflar o preconceito tão enraizado e presente ao longo da humanidade.

Excluir a mulher da prática de um esporte nada mais é do que demonstrar claramente como a sociedade sempre foi machista e discriminatória, e a extensão da cultura que a excluiu do mercado de trabalho, das decisões, e que reforçaram características de gênero que a impediam de desenvolver atividades que lhes permitissem alguma identificação maior com o homem e características padrões de seu gênero. A mulher que deveria servir para amamentar seus filhos e cuidar do marido como atividades prioritárias, e não desenvolver atividades físicas, correr ou competir.

Afinal a mulher ideal deveria ser calma, serena, deveria fazer crochê, tricô, não fazer questionamentos e sujeitar-se a qualquer decisão tomada sobre ela. Sua família a bastava, não precisava dessas coisas. Com certeza esse não era um paradigma raro e até nos dias atuais não deve ser, infelizmente e consequentemente atingindo a área esportiva e no caso desse estudo científico o futsal, um esporte ainda considerado atualmente masculino.

Sabemos e vimos a olhos nus, que houve uma certa evolução, hoje a mulher pratica os mais variados esportes, seja no âmbito nacional como internacional, mais assim como em muitos setores, o Brasil também precisa melhorar nesse quesito.

Apesar do carente incentivo político ao esporte, o Brasil é um dos países que mais contribui com a participação de mulheres nos Jogos Olímpicos. Segundo Mourão (2003), em Sidney, sua delegação de mulheres era de 46%, um número de 94 mulheres, para 110 homens, superando a média feminina de outros países que era de 38%. Porém, a falta de suporte das empresas no Brasil, bem como a pouca cobertura dada pela mídia às atletas femininas reflete e reforça o preconceito contra a mulher nos campos esportivos.

Essa luta pela igualdade de gênero dentro do esporte tem que continuar pois tem a capacidade de refletir por toda a sociedade e provocar também mudanças no dia à dia, tão necessárias nesse cenário atual.

5. A EDUCAÇÃO E A ESCOLA NO COMBATE AO MACHISMO

Atualmente o preconceito contra a mulher ainda existe e está presente nos detalhes e até nas pequenas coisas, em atitudes desde a infância, seguindo classificações permissivas, como: “isso é de menino” e “isso é de menina”.

Para Silva (2001), as mulheres enfrentam, desde a infância, preconceitos que a impedem de participar de esportes tipicamente masculinos: enquanto é elogiada por ser charmosa, criativa e ter dotes manuais e artísticos é criticada por sua competitividade e agressividade, ocorrendo o inverso com os homens. A educação dos homens prepara os mais para a participação esportiva, com bolas, carri-

nhos, com a competitividade do que para as mulheres, as quais geralmente são estimuladas a brincar de boneca, casinha e comidinha em contraste com as atividades esportivas. Para serem tratadas como mulheres, as meninas são obrigadas, muitas vezes, a reprimir sua espontaneidade. São proibidas de praticar exercícios violentos porque não podem "agir como menino".

Ainda hoje nas escolas vemos o preconceito sobre a menina que pratica bem os esportes, que se destaca na aula de educação física, sento taxada muitas vezes de masculina, de "moleque". Preconceito esse que é realizado muitas vezes pelos alunos e por incrível que pareça até pelos educadores. Soma-se a isso a falta de apoio da família que na maioria das vezes segue um modelo patriarcal de educação, limitando essa garota e impedindo a mesma de praticar um esporte que gosta e até de se tornar uma futura atleta profissional.

A mulher esportista, que atua em esporte de alto rendimento, o qual exige mais esforço físico, está sujeita à curiosidade das pessoas, as quais, despertadas por conceitos machistas e pelas notícias da mídia, buscam analisar a realidade que cerca essas mulheres. As pessoas se questionam sobre o país por meio da elite jovem brasileira, mas rapidamente alcançou a sua popularização a classes sociais mais baixas. a feminilidade e outras características de gênero. Muitas vezes elas são chamadas de lésbicas e há toda uma suposição sobre suas vidas pessoais, e preferências sexuais. (SIMÕES, 2003)

A filosofia das escolas nos tempos atuais, não é a de ser apenas a detentora e difusora de conhecimentos, tem por finalidade preparar o educando para ser um cidadão crítico e ativista em sua comunidade. Civilização esta, que passa por transformações todos os dias, sob o efeito da globalização. Todos devem estar atentos a essas mudanças adequar seus conteúdos.

Contudo o que percebemos é que essa escola está deixando de lidar com questões relativas à formação consciente de seus indivíduos, pois ela muitas vezes se omite diante de brigas, palavras de baixo nível e até mesmo diante do preconceito, por isso acaba se tornando um local propício a graves problemas sociais, de preconceito e discriminação. (JUNQUEIRA, 2009, p. 62)

Para a preservação do respeito as diferenças, se faz a necessidade da escola ser um ambiente onde promova as discussões em torno das problematizações e a adesão de conhecimentos. Este ambiente acaba por ser também um celeiro de conflitos, pelo o agrupamento de pessoas das mais variadas religiões, gênero, etnias, entre outras. Entretanto, são poucas as ações para findar e ou minimizar essa situação, tendo muitos casos de violência dentro das escolas.

E muito pior, o que vimos notando nos últimos anos, não são apenas discriminações verbais, mas sim que o indivíduo chegou ao cúmulo de tentar exterminar, acabar com aquilo de que ele não gosta, como se esse tivesse em suas mãos o poder de acabar com tudo o que não é de seu agrado, tudo o que esse não vê como certo, assim como também podemos constatar no Conselho Nacional de Combate à Discriminação. (BRASIL, 1997)

O egocentrismo de parte da sociedade faz agir com menosprezo ao sentimento, preferências e o não gostar do outro. É exatamente esse o motivo do por que a escola deve intervir, na tentativa de mudar esse prognóstico, procurando desenvolver a capacidade de todos de conviver com as mais variadas diferenças, excluindo qualquer preconceito e atos de agressão, sejam verbais ou físicas.

Todo esse ambiente preconceituoso interfere no rendimento escolar, produz insegurança, medo, estigmas, isolamento tornando possível que o/a aluno/a se desinteresse pela mesma e em muitos casos proporciona o abandono da escola. (JUNQUEIRA, 2009)

A diversidade e as diferenças devem ser discutidas em sala de aula não somente por questões teóricas a respeito do ser humano, mas sobre tudo, por se tratar de um tema que se faz presente na realidade de uma sociedade, e esta sofre o julgamento de uma moralidade heteronormativa, masculina e elitizada, que acaba por violar os direitos humanos de muitos.

Sabe-se que a escola é o local em que se busca informações, conhecimento, aprendizados e por isso ela tem que deixar de ser um espaço que deturpa as diferenças, para se tornar um local que aconselha, conversa, explica e desmistifica tabus, retira medos e inseguranças, que seja seguro para todos.

Só assim todos os ensinamentos e discussões acerca dos temas elencados nesse estudo científico poderá ultrapassar os muros escolares, e dentro da sociedade começar a provocar as mudanças necessárias.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discriminação, o preconceito e o machismo, nem sempre são velados, já que eles podem se esconder por de trás de brincadeiras inadequadas, colocações indevidas, concordâncias com padrões ultrapassados e fundamentalistas. São algumas das várias opressões que um indivíduo pode sofrer, baixando sua autoestima e desestimulando a sua a frequência no ambiente escolar.

O artigo científico buscou a raiz do preconceito e identificou que ele não nato, ele se adquire. Como todo preconceito e discriminação, o machismo repassado por gerações, sem qualquer contestação e embasamento científico.

A escola como construtora de cidadãos, deveria ser a instituição primordial no combate ao preconceito, a qualquer tipo de discriminação e ao machismo. Porém o que se vê muitas vezes, é uma escola engessada por sua incapacidade de lidar com a situação, e também pela contaminação de preconceitos em seu próprio ambiente de ensino.

Políticas educacionais devem ser intensificadas, pois quando bem elaboradas e difundidas dentro das escolas, torna-se capaz de informar os alunos bem como de abrandar as diferenças entre os mesmos, trabalhando a compreensão e o respeito.

Ao se trabalhar o machismo no esporte, o docente tem em mãos um conteúdo que atrai e muito os estudantes. A prática de esportes dentro da sua enorme variedade, é muito comum aos estudantes, tornando assim o aprendizado mais palpável, interessante e consequentemente mais significativo e efetivo. Esse tipo

de ação pode ser utilizado em projetos escolares e nas mais variadas disciplinas, não apenas na educação física que tem o esporte como um de seus conteúdos principais.

Conclui-se que a escola, como formadora de indivíduos, tem responsabilidade de difundir informações contundentes os assuntos citados nesse estudo científico, promovendo o respeito às diferenças. Para cumprir essa missão, se faz necessário um preparo dos docentes e um planejamento específico para discutir todos esses assuntos de maneira eficiente, significativa e interessante para o estudante.

REFERÊNCIAS

ASSUMPÇÃO T. O. L, et al Temas e questões fundamentais na Sociologia do esporte. Brasília. Revista Brasileira de Ciência e Movimento v. 18 n. 2, abril/2010, p. 92-99.

BORGES, E. D'ADESKY, J. MEDEIROS, A. C. Racismo, preconceito e intolerância. São Paulo: Atual, 2002.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural, educação sexual. Brasília/DF: Secretaria de Educação Fundamental, 1997.

GOELLNER, S. Mulher e Esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem a história. Revista Pensar a Prática, São Paulo, v. 8, n. 1, abril/2005, p. 165-186.

ITANI, A. Diferenças e Preconceitos na Escola: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1988.

JUNQUEIRA, D. R. Homofobia nas Escolas: um problema de todos. Diversidade Sexual na Educação: Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.

MOURÃO, L. Exclusão e inserção da mulher brasileira em atividades físicas e esportivas. São Paulo: Manole, 2003.

OLIVEIRA, A. A participação do atleta negro no esporte: das pistas de atletismo às pistas de Fórmula 1. 2008. Buenos Aires.Educación Física y Deportes, a. 13, n. 126. Disponível em: <HTTP://www.efedeportes.com/efd126a/a-participacao-doatleta-negro-no-esporte.htm> Acesso em: 23 de maio de 2021.

PIRES, L. G. Breve introdução ao estudo dos processos de apropriação social do fenômeno esporte. Santa Catarina. Revista da Educação Física, v. 9 n. 1, maio /1998, p. 25-34.

PROGRAMA NACIONAL DE DIREITOS HUMANOS. Gênero e Raça: Todos pela Igualdade de Oportunidades: Teoria e Prática. Brasília: MTB- A/ Assessoria Internacional, 1988.

QUERINO, R. Jogador de Volêi lembra ataque homofóbico. 2018. Disponível em: https://observatoriog.bol.uol.com.br/noticias/jogador-de-volei-michael-lembra-ataquehomofobico-sensacao-de-incapacidade. Acesso em 23 de maio de 2021.

ROMERO, E. Essas mulheres maravilhosas: nadadoras e ginastas. São Paulo: Manole, 2003.

SILVA, D. A. M. Todo poder às mulheres - Esperança de equilíbrio para o mundo. 3 ed. São Paulo: Best Seller, 2001.

SIMÕES, C. A. A mulher em busca de seus limites no esporte moderno: Mu-